

Crítica // Pinóquio ★★

Desafios palpáveis

Ricardo Daehn

Quem lembrar de Gepeto, associá-lo ao boneco de madeira e ainda ao Grilo Falante terá que reconsiderar referências, ao acompanhar a empreitada do cineasta Igor Voloshin, seguro na reordenação criativa destinada à animação *Pinóquio*. O novo filme inspirado em consagrado conto de Carlo Collodi não tem apenas uma origem: ele deriva ainda de um texto chamado *A chave de ouro* (ainda citado por alguns como *As aventuras de Buratino*), e veio da escrita de Aleksei Tolstói. Impressionado com Collodi, o escritor russo recriou o mundo de Pinóquio com ajustes para a realidade soviética. O italiano publicou em 1883, enquanto o derivado aportou em 1936.

Com irregulares efeitos visuais, em termos de qualidade,

e que contrastam com a realidade da encenação de atores (de carne e osso), *Pinóquio* traz o menino de madeira que chega ao mundo, como o filho de Carlo (o conhecido Gepeto), depois que baratas intermedeiam sua chegada junto à experiente Tartaruga.

No filme, que aposta em imagens por demais escuras, o protagonista de voz muito estridente (que, nos movimentos, foi interpretado pela jovem atriz Vitaliya Korniyenko) se junta à trupe de artistas deslocados em caravana, integrada por Malvina, Arlequim e Pierrot, entre outros. Todos são escravizados por Carabas (famoso como Stromboli), detentor da direção artística de um show de marionetes. Mais do que shows, ele quer a alma e o domínio de seus artistas.

REPRODUÇÃO/INTERNET



Pinóquio:
versão com
novo olhar

Pouco calibrado em termos de mentiras, o atual *Pinóquio* traz uma gritante ingenuidade, que o faz refém de bullying — com direito à uma perturbadora cena de “joão-bobo”, no pátio da escola.

Com acabamento digital

convicente, o longa traz canções que, o menos em português, tiram a qualidade de tudo. Quando se encontra afastado do núcleo familiar, o protagonista encontra o casal de larápios, nas melhores das composições do filme, vindas

de Victoria Isakova e de Alexander Petrov, respectivamente os ladrões de casacos Alice (a raposa) e Basilio (o gato) — ela, muito perversa, e ele com um visual de ponta, entre o *Drácula* (de Coppola) e algum personagem de Johnny Depp.

Humanismo em comum

João Pedro Alves*

Angelina Jolie é a protagonista do filme *Vidas entrelaçadas*, que colocou a atriz diante de circunstâncias de cunho pessoal. O longa da diretora francesa Alice Wincour retrata as vidas de três mulheres, uma cineasta, uma modelo e uma maquiadora, cujos destinos se cruzam durante a Paris Fashion Week, renomado evento de moda.

A personagem Maxine, cineasta interpretada por Jolie, descobre um câncer de mama, enquanto Ada (Anyier Anei), um novo rosto no mundo da moda, foge de um futuro previsível no o Sudão do Sul; Angèle (Ella Rumpf),

por sua vez, é uma maquiadora que trabalha nos bastidores das passarelas. Quando se encontram no evento de moda, o filme revela essas circunstâncias por trás da superfície da performance pública do evento.

O filme toca em um aspecto biográfico de Angelina Jolie. A atriz hollywoodiana teve a mãe e a avó mortas em razão de câncer de mama, e ela passou por uma mastectomia, cirurgia de retirada das mamas, de maneira preventiva. Anyier Anei, que interpreta a modelo sudanesa Ada, também tem pontos de conexão com a sua personagem. Ela fugiu do Quênia por conta da guerra. O trio

REPRODUÇÃO/INTERNET



principal se completa com Ella Rumpf, que dá vida à maquiadora Angèle. Também se destacam no elenco Louis

Garrel e Vincent Lindon.

*Estagiário sob supervisão de Severino Francisco

Angelina Jolie
experimenta dramas
pessoais em novo longa